

# apresentação

## presentation

A cada semestre viemos cumprindo essa boa parte dos esforços exigidos pelo ofício de historiadores do universo material. A publicação de uma revista acadêmica é necessariamente um trabalho coletivo que envolve a disposição e interesse dos pesquisadores, o estabelecimento de normas editoriais, o debate rigoroso dos pareceres, a minúcia da revisão do texto e a busca da melhor apresentação estética. Ao todo, para que venha a luz, cada edição conta com ao menos 30 pessoas envolvidas, entre editores, autores, pareceristas, revisores e diagramadores. A esse bom exemplo de divisão smithiana do trabalho, agradecemos a todos os profissionais vinculados, sem os quais seria impossível a manutenção da revista.

A presente edição percorre temas de história econômica dos séculos XIX e XX no universo capitalista latino-americano, com artigos sobre Argentina, Brasil e México, e dos países socialistas, com textos sobre a China e a Iugoslávia. Ainda que o Brasil leve a maioria, sendo objeto de estudo de metade dos artigos, deve-se notar o interesse de autores estrangeiros em publicarem na HE&HE e também dos pesquisadores brasileiros em avançarem sobre áreas pouco cultivadas, entre nós, da história econômica.

O primeiro conjunto de artigos detém-se sobre a economia extrativa brasileira em diferentes épocas. Em “Evolução do setor ervateiro durante o século XIX: uma análise dos avanços tecnológicos na cadeia produtiva”, Lilian da Rosa e Taciana Santos de Souza apoiam-se na teoria microeconômica de matiz schumpeteriano para analisar o impacto das modificações estruturais e tecnológicas dos engenhos hidráulicos e a vapor nas cadeias produtivas do setor ervateiro, base da economia da região meridional. No polo oposto da disposição geográfica, o artigo de Marcílio Alves Chiacchio, intitulado “A trajetória das Perfumarias

Phebo em Belém”, aborda, com o uso aprofundado dos arquivos privados e da história oral, a história da conhecida Perfumarias Phebo, empresa paraense fundada por portugueses que alcançou projeção nacional ao longo do século XX. A evolução da empresa acompanhou as diferentes épocas da economia brasileira: a opção pela indústria após a crise da borracha, o financiamento da SUDAM nos anos 60, o impacto dos planos econômicos dos anos 80 sobre a rentabilidade da empresa e a venda final à grande multinacional Procter & Gamble ao final da década. Além da interessante história da empresa por si própria, onde não escaparam nem os anúncios e os rótulos dos seus produtos, o autor contribui para um melhor conhecimento da história econômica paraense, tão carente de estudos pormenorizados sobre o seu passado opulento.

Os dois artigos seguintes são dedicados às questões do nacionalismo e do imperialismo no Brasil entre as décadas de 1930 e 1950. O texto de Julio Cesar Zorzenon, “Políticas de deslocamentos populacionais no primeiro governo Vargas: nacionalismo, intervencionismo estatal e construção da nação e da nacionalidade”, busca compreender a dimensão populacional presente nos esforços de construção do mercado interno nacional e fomento à industrialização pelas políticas econômicas do governo Vargas nos anos 30 e 40. Para além da questão econômica, a política populacional mostrava estreita relação com a mudança nacionalista de repúdio a determinados grupos imigrantes. Por sua vez, o artigo de Carlos Alberto Cordovano Vieira e Fábio Antonio de Campos, “Imperialismo e questão nacional em Nelson Werneck Sodré”, trabalha a questão nacional como fio condutor para o estudo das ideias do destacado marxista e prosseguindo para o período da ditadura militar. Premida pela dominação colonial e posteriormente pelo imperialismo, a economia brasileira do século XIX formar-se-ia dentro dos quadros da dependência. A crise do imperialismo, sobretudo após a I Guerra Mundial, permearia as peculiaridades da revolução burguesa no Brasil, considerada nacionalista e democrática, e da industrialização do país, em uma trajetória diversa à dos países centrais.

Passando aos casos internacionais, os dois textos seguintes detêm-se sobre a experiência histórica da indústria argentina e mexicana. Em “Evolución patrimonial y rentabilidad de un grupo empresarial rural: los Pereda (1888-1945)”, Eduardo Martín Cuesta apresenta um estudo sobre Celedonio Pereda, um dos maiores estanceiros argentinos até 1930.

Combinando as memórias inéditas do protagonista e os balanços da empresa, Martín Cuesta constrói uma narrativa bem fundamentada sobre a evolução empresarial e as oportunidades de investimento desde o final do século XIX, quando a Campanha do Deserto permitiu a Celedonio ampla acesso a terras. Propriedades no campo, rebanhos e imóveis urbanos compunham a maior parte da riqueza dos Pereda até a I Guerra Mundial. A crise de 29 seria um marco crucial para o declínio de sua fortuna calcada na indústria pecuária. Juan Odisio, no artigo “Un estudio comparado sobre la petroquímica básica en México y Argentina entre 1950 y 1990”, prossegue o período estudado por Martín Cuesta e amplia o escopo de abrangência ao considerar também a indústria mexicana. Odisio trata de um setor chave para o modelo desenvolvimentista latino-americano, que aponta a sobrevivência do conceito de industrialização por substituição de importações para a explicação de determinados setores. Ao final da década de 1950, a indústria petroquímica era quase completamente monopolizada pelos Estados Unidos. Uma década depois, o setor havia crescido rapidamente na Europa Ocidental, União Soviética e Japão, mas também nas principais economias latino-americanas. Os casos de México e Argentina, analisados em pormenor pelo autor, mostram trajetórias com semelhanças e divergências tanto em suas características produtivas quanto em seus ritmos diferentes.

A história da economia dos países socialistas é o tema principal dos dois últimos artigos dessa edição. Em “Estado e mercado na China pós-1976: o grande salto à direita”, Andrea Longobardi apresenta os principais elementos que culminaram na reforma da economia chinesa nos anos 70 e 80 e pavimentaram o caminho rumo à abertura para a economia de mercado. A autora defende que essa transição ocorreu sob a predominância e controle da burocracia partidária e estatal. O texto de Luiz Henrique Marques Gomes, “A trajetória do socialismo na Iugoslávia (1945-1990)”, aponta as características principais e as especificidades do socialismo iugoslavo que colocava em segundo plano o sistema de planificação econômica, diferentemente dos outros países socialistas, e possuía um sistema político descentralizado e uma economia ancorada em cooperativas de trabalhadores, a ponto de se utilizar a expressão “socialismo de mercado” para se referir à economia do país.

Por fim, a edição apresenta uma resenha da obra clássica de Douglass North, *Instituições, mudança institucional e desempenho econômico*, publicada

originalmente em 1990 e vertida para o português apenas em 2018, que chega em boa hora para um estudo desapaixonado de seus *insights* sobre a evolução institucional no desenvolvimento do capitalismo.

Como sempre, desejamos a todos uma excelente leitura!

*Comissão editorial*